

As denominações para mulher que ajuda a criança a nascer nos dados do Projeto ALiB

The names for women who help the child to be born in the ALiB Project data

Lígia Sotero Alves*^{ID}
Marcela Moura Torres Paim**^{ID}

RESUMO: Este estudo tem como objetivo observar como as mudanças sociais podem ser refletidas nas escolhas e no conhecimento lexical dos falantes do Português do Brasil, gerando, portanto, registros de variações linguísticas. Para tanto, foram recolhidas as respostas dos informantes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no que diz respeito à questão 123 do Questionário Semântico – Lexical (QSL), que objetiva verificar as denominações para mulher que ajuda a criança a nascer, em 13 localidades das 250 que compõem a Rede de Pontos do referido Projeto. A partir das respostas apresentadas pelos informantes, recolhidas através da realização de inquéritos linguísticos, foi possível verificar a variação de caráter diageracional no que se refere ao item parteira, assim como identificar, por meio dos seus discursos, a consciência da presença desse fator relacionado à faixa etária, nos inquéritos analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Projeto ALiB. Variação Diageracional.

ABSTRACT: This study aims to observe how social changes can be reflected in the choices and lexical knowledge of Brazilian Portuguese speakers, thus generating records of linguistic variations. Therefore, the answers of the informants of the Project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) were collected, with regard to question 123 of the Semantic Questionnaire - Lexical (QSL), which aims to verify the denominations for women who help the child to be born, in 13 locations of the 250 that make up the Points Network of the referred Project. From the answers presented by the informants, collected through linguistic surveys, it was possible to verify the variation of diagerational character with regard to the item midwife, as well as to identify, through their discourses, the awareness of the presence of this factor related to the age group in the surveys analyzed.

KEYWORDS: Lexicon. ALiB Project. Diagerational Variation.

* Graduada em Licenciatura em Letras (Português e Espanhol) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Bolsista PIBIC Af – CNPq. ligia.sotero@ufrpe.br

** Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora Associada III da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. marcela.paim@ufrpe.br

1 Introdução

Este estudo tem como objetivo observar, a partir das respostas dadas pelos informantes do Projeto ALiB ao item 123 do Questionário Semântico-lexical, as escolhas lexicais dos falantes e reflexões feitas a respeito das mesmas, que são indicativas de variação de caráter diageracional. Do mesmo modo, buscamos a verificação dos impactos causados pelas mudanças sociais na língua e, mais especificamente, no léxico dos indivíduos, e como essas mudanças se refletem em suas seleções lexicais.

Para tanto, fez-se uma discussão teórica a respeito dos estudos dialetais, os quais permeiam este trabalho, além do seu percurso no Brasil, e os caminhos trilhados que levaram à constituição do *Atlas Linguístico do Brasil*. Posteriormente, buscou-se fazer uma reflexão a respeito do léxico e da sociedade, fundamentando nossa hipótese de que as mudanças sociais são refletidas fortemente nesse aspecto da língua, e, uma breve discussão a respeito da variação diageracional, que se apresenta concretamente como variável nos dados aqui postos.

Por fim, foi realizada uma reflexão a respeito dos dados linguísticos registrados que, após tratamento quantitativo e qualitativo apresentam variação, da mesma forma que, por meio dos excertos de inquéritos linguísticos, tem-se indicativos da mudança social e suas implicaturas na língua e no léxico.

2 Os estudos dialetais

Compreende-se que o homem e a língua estão tão imbricados de modo a constituírem-se mutuamente a todo momento, sendo possível dizer que *as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes*, de acordo com o que expõe Calvet (2018 [2002], p.12). É a partir dessa relação intrínseca que se podem observar, por meio dos usos que os homens fazem de suas respectivas línguas, características atreladas a eles e à sociedade em que vivem, e são esses usos, identificados em um determinado grupo, que constituem o que se toma como dialeto.

Entre essas características diversas, que abrangem sexo, faixa etária, escolaridade, estrato social, por exemplo, destacam-se, nestes estudos, as nuances que dizem respeito aos espaços geográficos nos quais estão inseridos, concebendo-se que estes, de acordo com Coseriu (1991 [1977], p. 105), *revelan un aspecto esencial de las relaciones entre la vida social y cultura del hombre y su ambiente natural*.

Partindo desse saber, Georg Wenker, em 1876, realiza os primeiros empreendimentos com inquéritos linguísticos na Alemanha, a fim de observar os dialetos regionais, que culminaram na feitura de um atlas que veio a ser concluído após longo período de tempo. Um segundo marco nos estudos dialetológicos que deve ser mencionado consiste no empreendimento de Jules Gilliéron, que após sistemática coleta de dados, aperfeiçoando o método apresentado por Wenker, publica, na primeira década do século XX, o *Atlas Linguistique de la France*.

Os estudos dialetais, como destacado, trazem como finalidade a elaboração de cartas linguísticas e, conseqüentemente, atlas linguísticos. Faz-se importante, com isso, que se compreenda que o uso de cartas linguísticas para a expressão da variação torna-se adequado tendo em vista a necessidade de demonstrá-la na amplitude em que se apresenta. Portanto, a apresentação dos dados linguísticos por meio das cartas, de acordo com Rossi (1967, p.93), *dizem muito, dizem mais do que seria possível dizer por qualquer outro processo conhecido, valem pelo muito que permitem dizer a partir deles com segurança e objetividade, mas não dizem tudo*, e, com isso, permite que estudos com maiores pormenores possam ser realizados a partir dos fenômenos observáveis.

A partir da década de 60, tendo em vista os aspectos destacados nos estudos sociolinguísticos de que a língua e o homem não podem ser pensados separadamente, como já aqui explorado, a dialetologia passa a incorporar variáveis de natureza social, como estrato social, escolaridade, idade, sexo, entre outras. O controle dessas variáveis passa a compor a metodologia dos estudos dialetais, a geolinguística, que até aquele então possuía caráter monodimensional, e passa a ser tomada como geolinguística pluridimensional ou contemporânea.

2.1 Os caminhos percorridos no Brasil

No Brasil, apesar do interesse pela investigação da variação, o qual se fazia presente desde o século XVIII, a primeira manifestação é atribuída a Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, que a pedido de Adrien Balbi, faz um levantamento do léxico do português do Brasil, em comparação com o Português Europeu, para constituição do *Atlas Ethnographique du Globe*, em 1826. A partir desse então, diversos estudos, sobretudo de caráter lexical, passaram a ser realizados.

É a partir desse grande marco que Nascentes (1952, 1953), Cardoso e Ferreira (1994), Mota e Cardoso (2006) e, por fim, a referência que aqui se vai utilizar, Teles (2018), realizam uma periodização do percurso dialetológico no Brasil, o qual apresenta cinco fases, caracterizadas pela metodologia utilizada, a natureza dos dados e o volume de estudos realizados do caráter dialetal. A primeira fase é iniciada com o empreendimento do Visconde de Pedra Branca, em 1826, aqui já mencionado, e prossegue até 1920, com a publicação da obra *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral, marcada pela realização de estudos, principalmente, de cunho lexical. A segunda fase segue a publicação de Amadeu Amaral até 1952, por ocasião do Decreto Nº 30.643, que atribui à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa o empreendimento de elaboração do atlas linguístico do Brasil, que constitui o início da terceira fase dos estudos dialetais no Brasil. Uma quarta é iniciada com a constituição de um Comitê Nacional para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, a partir da qual as etapas para a elaboração do Atlas passam a ser realizadas. Teles (2018) apresenta o que se compõe como uma nova fase, a quinta, a partir de 2014, com a publicação dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil*, e é nesta fase que se encontra este estudo.

2.1.1 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Como mencionado, o querer de empreender a elaboração de um atlas linguístico do Brasil não é recente. Em 1952, o Governo Federal expressa esse desejo

por meio do já citado Decreto Nº 30.643, de 20 de março, porém, naquele momento, devido a dificuldades diversas, a elaboração do atlas não se concretizou, e, seguindo as propostas de dialetólogos na época, buscou-se reunir dados para a construção de atlas linguísticos de menor domínio, para que assim, no futuro, fosse possível a feitura do atlas nacional.

Em 1996, com a realização do *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Dialetologia no Brasil*, em 6 de novembro, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, os dialetólogos presentes destacaram a necessidade de retomada do projeto em âmbito nacional, tendo em vista as crescentes mudanças sociais e, conseqüentemente, as mudanças linguísticas que ocasionaram a perda de variantes que prescindem serem registradas. Com isso, naquele momento, formou-se o Comitê Nacional para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, o qual, depois de vencidas as etapas de coleta, tratamento dos dados e constituição das cartas linguísticas, tem seus dois primeiros volumes publicados em 2014, pela editora EDUEL.

3 Léxico e Sociedade

De acordo com Abbade (2012, p. 141), *língua e cultura são indissociáveis*. É partindo dessa afirmação que se compreende que cada aspecto linguístico deve ser pensado com relação aos seus falantes, o contexto em que vivem, as relações socioculturais que estabelecem. Entre as diversas facetas que a língua nos apresenta, deve-se atentar ao léxico. Segundo Biderman (2001, p. 13), *o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo*, e é nesse registro, nesse ato de nomear o que nos cerca que transparecem formas de ver o mundo, de transformá-lo, de entendê-lo, faz-se daí um retrato de quem somos e de onde viemos.

Conscientes do verdadeiro tesouro que o léxico nos proporciona, com relação à realidade linguística, social e cultural de um grupo de indivíduos, apoiando-se no que exprime Oliveira e Isquerdo (2001, p. 9):

[...] representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, as transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Buscamos observar seleções lexicais realizadas por informantes de diferentes faixas etárias e as reflexões feitas pelos falantes a respeito dessas escolhas, considerando seus discursos, para compreender as marcas que denunciam o hoje e o ontem desses indivíduos.

4 A Variação Diageracional

Entre as variáveis sociais controladas para a realização de trabalhos de natureza geolinguística, a faixa etária dos informantes tem-se destacado por trazer evidências tanto em suas seleções lexicais, como em seus discursos, da variação da língua. Em suas falas, é possível verificar, muitas vezes, a consciência de que um determinado uso linguístico era bastante comum, e que hoje entrou em desuso, ou, até mesmo, a reflexão de informantes mais jovens que, ao trazerem conhecimentos histórico-culturais passados entre gerações, os quais se refletem no linguístico, afirmam sua utilização por pessoas mais antigas, familiares, entre outros.

Verifica-se, aqui, a possibilidade de enxergar o ontem e hoje que se incorpora na língua, como prática social, reflexo do homem e da sociedade em que vive. O uso de determinados termos por indivíduos pertencentes a uma ou outra faixa etária, apresenta-se como uma janela que permite o vislumbre da dinamicidade da língua e de suas nuances, trazendo evidências da variação no que diz respeito às diferentes gerações.

5 Metodologia

Este trabalho baseou-se nos pressupostos teórico-metodológicos concernentes aos Estudos Dialetais, no que diz respeito à Geolinguística Pluridimensional, de acordo com o proposto por Cardoso (2010, p. 89) e Paim (2019, p. 95). Para tanto, utilizou-se a metodologia previamente estabelecida para o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, de acordo com o que se expõe em Mota (2004, p.31). Com isso, a partir de uma Rede de Pontos de 250 localidades e 1100 informantes, consideraram-se 13 localidades, que correspondem aos municípios de Araraquara, Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Marília, Bauru, Moji Mirim, Assis, Bernardino de Campos, Botucatu, Piracicaba, Campinas, Bragança Paulista e Taubaté, localizados no Estado de São Paulo; e 50 informantes.

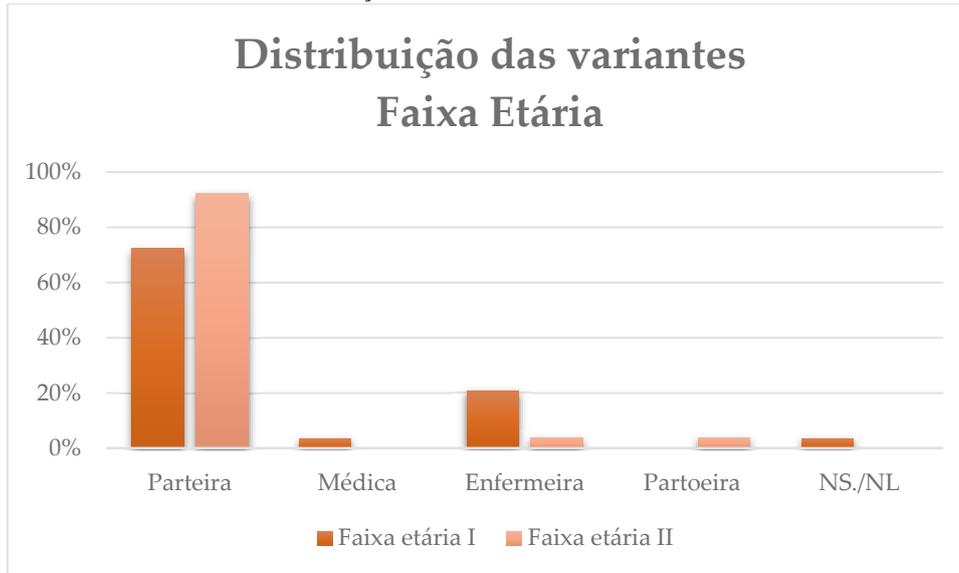
Com relação aos informantes, levaram-se em conta quatro informantes por localidade, divididos entre duas faixas etárias, 18 – 30 anos e 50 – 65 anos, sendo homens e mulheres com nível de escolaridade fundamental, segundo o que se estabelece na metodologia do Projeto ALiB para as localidades que não as capitais de Estado. Para a realização do nosso estudo, foi feita a audição dos inquéritos previamente realizados pela equipe do referido Projeto; a transcrição grafemática dos dados e, posterior tratamento dos mesmos, onde se buscou fazer o controle das respostas apresentadas pelos informantes com relação à sua faixa etária, assim como a análise dos trechos dos inquéritos em busca de evidências da variação, levando em conta a questão 123 do QSL a qual apresenta a seguinte formulação: *como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?*

6 Revelações dos dados

A partir dos dados coletados, foi possível constatar que os informantes pertencentes à primeira faixa etária, em um número significativo de vezes, não sabiam a resposta esperada para o referente em questão, *parteira*, e apresentavam como resposta, em sua maioria, termos como *médica* e *enfermeira*, que dizem respeito a um

contexto mais atual que envolve o parto, hoje, realizado em hospitais. Os informantes da segunda faixa etária, por seu turno, apresentaram o termo *parteira* como resposta, ainda que se fizesse a observação da atuação das *enfermeiras*. Esses fenômenos podem ser observados no gráfico apresentado a seguir:

Gráfico 1 — distribuição das variantes de acordo com a faixa etária.



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Elaborado pelas autoras, 2022.

Torna-se evidente que as mudanças sociais no que diz respeito à realização do parto, provenientes dos avanços na medicina, na saúde pública e, por conseguinte, no acesso a hospitais, influíram na desconstrução de um costume que se fez presente por milhares de anos, e, em períodos mais recentes, principalmente em localidades interioranas, o trabalho realizado pelas parteiras. Essas mulheres, com habilidades e conhecimentos empíricos, trouxeram ao mundo gerações e gerações, ajudando as mães no ato de parir. Hoje, essa prática entra em desuso, e, com isso, novos termos surgem para denominar as mulheres que ajudam as parturientes, fazendo com que as *parteiras* permaneçam na memória dos que já viveram ou os que ouviram dizer.

É no discurso dos informantes que se observa a consciência do que já foi, e hoje não é, do que era frequente, e hoje não se utiliza mais. Essa consciência transcende os fatos sociais e permeiam também o campo linguístico, compreendendo-se que certos

termos, mesmo conhecidos, não são mais comumente utilizados, porque trata-se de práticas sociais que já não acontecem mais, ou não com frequência. É a partir dessa relação que se percebe o quanto língua e sociedade estão integradas e como é possível vislumbrar uma sociedade pelos usos que seus falantes fazem da língua.

É por meio dos dados presentes no Gráfico 1 e de trechos dos inquéritos linguísticos – extraídos do banco de dados do Projeto ALiB, cujos resultados iniciais foram publicados nos dois volumes disponibilizados em Cardoso *et al* (2014), disponível aos interessados na temática da variação – que serão dispostos a seguir, que se verifica a presença da variação de caráter diageracional. Atentamos para a consciência, sobretudo de informantes da segunda faixa etária, de termos hoje não mais tão utilizados, mas comuns antigamente. Pelo fato de a prática das parteiras ser amplamente conhecida, muitos jovens têm conhecimento do termo, por isso, percebemos um número alto de ocorrências de “parteira”, que pode ter sido conhecida por meio de novelas, filmes de cinema, séries, livros etc., independente da faixa etária do informante.

Trecho 1:

INQ. – Como é que vocês chamam a mulher que ajuda a criança a nascer?

INF. – Parteira.

INQ. – Ahn, tem... tem muita parteira por aqui?

INF. – Ah, aqui tem pouca. Que eu saiba tem pouca.

INQ. – Ahn, tem hospital já, né?

INF. – É, por isso que tem pouca, né?

(Homem, Faixa etária I, Bernardino de Campos – SP)

Trecho 2:

INQ. – Uma mulher que ajuda a criança a nascer, como é que vocês chamam?

INF. – Ah, eles falam, né? A parteira, né? [...]

INQ. – Tem parteira aqui?

INF. – Ai, aqui, as pessoas mais antigo. Ai, acho que já morreram as que tinham, porque era povo muito antigo mesmo, que num usa mais, né?

INQ. – Agora tem hospital aqui, né?

INF. – Tem. Então... então num tem, mas o povo mais antigo já... Os que eu conheço já faleceram tudo.

(Mulher, Faixa Etária I, Bernardino de Campos – SP)

Trecho 3:

INQ. – Quem que a gente chama pra ajuda a criança a nasce? Normalmente em sítio, em lugar mais afastado, chamava... chamava quem?

INF. – (É porque) (?) é uma enfermeira, cê pode dizer? Se afastado?

INQ. – É... se não tem hospital perto.

INF. – Ah, sim. Acho que quem tiver perto, assim, né? Porque você viu aquele menininho que fez o parto da mãe dele, que saiu até na televisão?

INQ. – Ahn, isso. Mas, antigamente, tinha gente que fazia isso sempre, né?

INF. – (inint) acho que partera...

INQ. – Partera? Cê já ouviu falar partera?

INF. – É, eu já ouvi falar partera. Acho que umas mulhe, né? Que fazia os parto, chamava-se partera.

INQ. – Uhn.

(Homem, Faixa Etária I, Araraquara – SP)

Trecho 4:

INQ. – Como chama a criança que aj... a mulher que ajuda a criança a nascer?

INF. – Enfermera.

INQ. – Mas e antigamente? Chamav...

INF. – Antigamente chamava parteira.

(Mulher, Faixa Etária I, Teodoro Sampaio)

Através da leitura dos trechos de inquéritos aqui dispostos, pode-se depreender que os informantes da primeira faixa etária têm conhecimento do referente em questão, mas apresentam a consciência de que se trata de um termo que se refere a uma prática que hoje não ocorre, ou não ocorre com frequência, sendo aludido às pessoas mais antigas, como exposto pela informante no Trecho 2.

Trecho 5:

INQ. – Como é que vocês chamam aqui uma mulher que ajuda uma criança a nascer?

INF. – Parteira.

INQ. – Tem parteira ainda?

INF. – Ah, agora num... eu num conheço mais nenhuma, não. Mas tinha, mas tinha, porque minha mãe... minha irmã mais velha teve a filha dela em casa, mas isso há quarenta e tantos anos.

INQ. – Ah...

INF. – Quarenta e dois anos, quarenta e três anos....

INQ. – Agora (já) (?) num tem mais parteira.

INF. – Ah... acho que não. Agora só na maternidade mesmo.

(Mulher, Faixa Etária II, Bauru – SP)

Trecho 6:

INQ. – Como chama a mulher que ajuda a criança a nascer?

INF. – Parteira.

[...]

INQ. – Quase num tem mais, né?

INF. – Difícil, agora mais é... médico, né?

INQ. – Já vai no hospital. E antigamente só era (parteira) (?).

INF. – É. Já logo que engravida já vai fazer pré-natal, né?

INQ. – Antes não tinha nada disso, né?

INF. – É, nada, ia de a cavalo ainda fazer os parto (risos).

(Homem, Faixa Etária II, Presidente Prudente – SP)

Trecho 7:

INQ. – E como que vocês chamam aqui a mulher que ajuda a criança a nascer?

INF. – Partera. Tinha muito isso.

INQ. – Agora quase não tem.

INF. – Quase não tem nenhuma, só caso isolado por aí, muito difícil. [...]

(Homem, Faixa Etária II, Bragança Paulista – SP)

Trecho 8:

INQ. – A mulher que ajuda a criança a nascer?

INF. – Parteira.

INQ. – E.... a gente cha... tem aqui ainda?

INF. – Parteira? Bom, que vai atender em casa, nunca ouvi falar mais não. Mas, geralmente, no hospital tem, né? Tem primeiro a parteira que cuida, né?

(Mulher, Faixa Etária II, Botucatu – SP)

Com a leitura dos excertos de informantes da segunda faixa etária, é possível observar uma fala indicadora de uma prática conhecida, vivenciada, mas que hoje não se realiza mais, sendo substituída pelos hospitais, maternidades e médicos, estabelecendo uma comparação entre o passado e o presente, fato também constatado em estudo realizado por Paim (2011, p. 23). Verifica-se, portanto, por meio dos discursos desses informantes, a variação linguística de caráter diageracional, que provém de mudanças que ocorrem na sociedade a pequena frequência em que crianças nascem com a ajuda de parteiras, e perpassa a língua e, mais especificamente, o léxico

dos falantes, fazendo com que *parteira* seja um termo fadado ao arcaísmo, independente da variação diageracional.

7 Considerações Finais

Com base nos dados aqui apresentados e trechos de inquéritos linguísticos, os quais foram discutidos na seção anterior, é possível constatar, a partir das escolhas lexicais desses indivíduos, assim como a reflexão que fazem a respeito dessas escolhas, a presença de variação diageracional, no que concerne às respostas ao item 123 do QSL do Projeto ALiB.

Essas evidências também trazem à tona a importância de considerar e investigar o léxico de uma língua, empregado por um grupo de indivíduos, de modo a desvendar suas formas de ver o mundo, de compreendê-lo, aspectos da sua cultura, práticas milenares que estão guardadas no conhecimento lexical dos informantes. Ao verificar a variação de caráter diageracional, nos dados aqui apresentados, entende-se, também, a importância do conhecimento e estudo da variante em questão, a *parteira*, como forma de preservar a língua, assim como aspectos histórico-culturais do povo brasileiro, já que há o fato de que é evidente, na sociedade moderna, a pequena frequência em que crianças nascem com o auxílio de parteiras e, diante disso, esse é um termo fadado ao arcaísmo, independente da variação diageracional.

Referências Bibliográficas

ABBADE, C. M. de S. Lexicologia social: a lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *In*: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2012. p. 141-161.

BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

CALVET, L.-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 158 p.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, 198 p.

CARDOSO, S. A. M. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**, v. 1. Londrina: Ed. UEL, 2014a.

CARDOSO, S. A. M. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2. Londrina: Ed. UEL, 2014b.

COSERIU, E.. **El hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1991. 273 p.

MOTA, J. A.. Constituição do corpus do Projeto ALiB. *In*: AGUILERA, V. de A.; MOTA, J. A.; MILANI, G. A. L. (org.). **Documentos I: projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB**. Salvador: Edufba, 2004. p. 31-38.

OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001.

PAIM, M. M. T.. Jovens e Idosos Escolhem as Mesmas Palavras. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 7-24, dez. 2011.

PAIM, M. M. T. **Tudo é Diverso no Universo**. Salvador: Quarteto, 2019.

ROSSI, N. A Dialectologia. *In*: I SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA DE MARÍLIA, 11., 1966, Marília. **Alfa: revista de Linguística**. Marília: FFCL de Marília, 1967. p. 89-115. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3299/3026>. Acesso em: 11 nov. 2020.

TELES, A. R. T. F. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. 2018. 485 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

Artigo recebido em: 29.03.2022

Artigo aprovado em: 19.08.2022